

Educação inclusiva: atendimento educacional em um hospital de tratamento ao câncer em Goiás

Inclusive education: educational services in a hospital treating cancer in Goiás

Educación inclusiva: servicios educativos en un hospital que tratan el cáncer en Goiás

Ricardo Antonio Gonçalves Teixeira¹
Luanna kellen Pereira da Silva²
Uyara Soares Cavalcanti Teixeira³
Mário José de Souza⁴

Resumo: Objetivo: compreender como se dá a organização e trabalho pedagógico realizado no Hospital de Combate ao Câncer Araújo Jorge, localizado na capital goiana, bem como a estrutura disponibilizada para as aulas nos hospitais. Métodos: estudo de caso transversal, exploratório, de base qualitativa. Para a coleta de dados, foram realizadas observações participantes no ambiente e entrevistas semiestruturadas com as professoras da rede estadual de educação de Goiás que atuam na classe hospitalar do hospital Araújo Jorge. Resultados: destacam os aspectos físicos da classe hospitalar, a organização didático-metodológica das aulas, bem como a vivência pedagógica marcante de uma das professoras participantes da pesquisa. Conclusão: a classe hospitalar, além de contribuir com a visão mais humanizadora do espaço de tratamento, preconizado pelas políticas do Sistema Único de Saúde (SUS), proporciona aos alunos, por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares, momentos de descontração, discussões, pesquisa e aprendizagem, com possibilidades de melhoria no processo de tratamento e cura, fatores que marcam pessoal e profissionalmente a vida das professoras envolvidas.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Educação especial. Classe hospitalar. Atendimento educacional hospitalar. Práticas interdisciplinares.

¹ Licenciado em Matemática e Pedagogia, bacharel em Administração. Mestrado e doutorado na área de Educação. Pós-doutorado em Tecnologias de Investigação pelo Departamento de Educação da Universidade de Aveiro-Pt (UA); pós-doutorado em Tecnologias Assistivas pela Faculdade de Engenharia Elétrica da Universidade de Uberlândia (UFMG); pós-doutorado em Mídias Interativas pelo Programa de Culturas Contemporâneas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); pós-doutorando em Educação Inclusiva em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas – SP (Unicamp). Professor da Faculdade de Educação (FE) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); Mestrado em Saúde Coletiva (MPSC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). **E-mail:** professorricardoteixeira@gmail.com.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás. Participante do grupo de estudos e pesquisa em educação inclusiva na perspectiva da educação especial – com estudos voltados para as classes hospitalares. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e da rede privada de educação básica, atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **E-mail:** luannakps@outlook.com.

³ Licenciada em Matemática e bacharel em Engenharia Civil. Especialização em planejamento e práticas pedagógicas e engenharia de segurança do trabalho. Mestranda em Matemática pelo Programa de Mestrado Profissional em Matemática (PROFMAT) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte (SEDUCE) de Goiás e do Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar da SEDUCE. **E-mail:** uyaras@gmail.com.

⁴ Bacharel em Matemática. Mestrado em Matemática pela Universidade Federal de Goiás. Doutorado em Engenharia Elétrica pela Faculdade de Engenharia Elétrica da Universidade de Campinas – SP (Unicamp). Professor do Instituto de Matemática e Estatística e do Programa de Mestrado Profissional em Matemática (PROFMAT) da Universidade Federal de Goiás (UFG). **E-mail:** mariojsouza@mat.ufg.br.

Abstract: *Objective: understand the organization and pedagogical activity carried out in the hospital treatment to cancer Araújo Jorge, located in Goiânia, and the structure available for lessons in hospitals. Methods: case study, exploratory, qualitative basis. To collect data, observations were made participants in the environment and semi-structured interviews with the teachers of the state of Goiás education working in the hospital class hospital Araújo Jorge. Results: emphasize the physical aspects of hospital class, didactic and methodological organization of classes as well as the outstanding educational experience of one of the participating teachers in the survey. Conclusion: the hospital class, besides contributing to the more humanizing view the treatment space and favored by the policies of the Sistema Único de Saúde (SUS), provides students, Through interdisciplinary pedagogical practices, ludic moments, discussions, research and learning, factors that mark personal and professional life of teachers involved.*

Keywords: *Inclusive education. Special education. Class hospital. Hospital educational services. Interdisciplinary practices.*

Resumen: *comprender cómo la organización y el trabajo pedagógico en el hospital contra el cáncer Araújo Jorge, que se encuentra en Goiânia, y la estructura disponible para lecciones en hospitales. Métodos: estudio de caso de corte transversal, base cualitativa exploratoria. Para recoger los datos, las observaciones se hicieron en el espacio de tratamiento y las entrevistas semi-estructuradas con los maestros de la junta estatal de educación Goiás trabajo en aulas hospitalarias de Araújo Jorge. Resultados: resaltar los aspectos físicos de la clase hospital, organización didáctica y metodológica de las clases, así como la experiencia educativa excepcional de uno de los profesores que participan en la encuesta. Conclusión: las aulas hospitalarias, además de contribuir a la visión más humanizadora del espacio de tratamiento y favorecido por las políticas del Sistema Único de Saúde (SUS), ofrece a los estudiantes, a través de las prácticas de enseñanza interdisciplinarios, momentos de placer, las discusiones, la investigación y el aprendizaje, con posibilidades de mejora en el proceso de tratamiento y cura, los factores que marcan la vida personal y profesional de los docentes involucrados.*

Palabras-chave: *Educación Inclusiva. Educación Especial. Aulas hospitalarias. Servicios educativos en hospital. Prácticas interdisciplinarias.*

Introdução

A infância é uma fase muito importante na vida de uma pessoa. Em especial é nesta fase que várias estruturas da personalidade e carácter se formam. Crianças e adolescentes são curiosos e desbravadores, comendo, nestas fases, uma vivência de descobertas. Dentre outras coisas, é nesta fase que preocupações com a aparência e com sua imagem percebida se afluam. Contudo, crianças e adolescentes internados no Hospital de Combate ao Câncer Araújo Jorge, ou simplesmente Hospital Araújo Jorge (HAJ), em Goiânia, têm esta característica prejudicada.

As crianças e os adolescentes em tratamento no HAJ interrompem boa parte de sua vida por causa do desgaste físico e psicológico em função do longo do tratamento contra o câncer. Apresentar-lhes a importância dos estudos escolares nesse processo de tratamento não se caracteriza como uma tarefa fácil para as educadoras, dado que estas crianças e adolescentes, em geral, estão fragilizados e, conseqüentemente, desestimulados para acompanhamento das aulas.

Tendo como tema a classe hospitalar, este artigo elege como objetivo compreender como se dá a estrutura, organização e trabalho pedagógico realizado no HAJ, localizado na capital goiana.

Apresenta relevância por contribuir com a aproximação entre as áreas da educação e saúde, na perspectiva da saúde coletiva; por abordar uma temática de educação inclusiva, com olhar para a classe hospitalar, uma política pública de atendimento a educandos hospitalizados pouco estudada tanto no âmbito da saúde, quanto no da educação; e por se tratar de uma pesquisa com professores que realizam atendimento pedagógico hospitalar a educandos portadores de câncer.

Como metodologia, opta por um estudo transversal, exploratório, de base qualitativa, elegendo como procedimento de investigação o estudo de caso. A atividade de campo se deu no período de fevereiro de 2014 a março de 2015. Além da construção da base documental do estudo, foram realizadas observações no hospital em estudo, bem como entrevistas semiestruturadas com as professoras de classe hospitalar, lotadas no Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar (NAEH) da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte de Goiás (SEDUCE). Como complemento ao estudo, foi solicitado que cada professora apresentasse uma experiência pedagógica marcante em sua trajetória profissional. Destaca-se que os nomes presentes no corpo do texto são fictícios, objetivando preservar o anonimato dos sujeitos entrevistados.

Apresenta conceitos e bases legais da classe hospitalar, algumas estratégias pedagógicas adotadas pelas professoras da classe hospitalar desenvolvidas no HAJ, assim como os desafios apresentados cotidianamente. Quanto à estrutura física, descreve os ambientes destinados às aulas: o setor de quimioterapia, com atendimento mais individualizado, e a sala de aula, para atendimento em grupo. Sobre os tipos de atendimento, individual e coletivo, Mattos e Mugiatti (2014) apontam que, no procedimento de escolarização individualizado, cada aluno deve receber atenção conforme suas demandas e necessidades, cabendo um diálogo efetivo entre o professor que atua na classe hospitalar e a escola de origem de cada educando. Para os atendimentos coletivos, o atendimento deve se dar de forma integrada e colaborativa. Em todos os casos, a abordagem interdisciplinar dos conteúdos trabalhados se caracteriza como um importante recurso no processo ensino-aprendizagem nas classes hospitalares (BUCHABQUI; CAPP, 2006; PELICIONI; PELICIONI; TOLEDO, 2008).

Bases legais das classes hospitalares

Crianças, jovens e adultos impossibilitados de frequentarem a escola da rede regular de ensino da Educação Básica em função de doença ou convalescença têm direito ao atendimento educacional hospitalar ou domiciliar.

As bases que fundamentam esse direito são contempladas em diversos referendos oficiais. Parte-se da premissa constitucional de que “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família”, art. 205 (BRASIL, 1998), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de que o direito do educando em condições especiais se consolida no sentido de que “cabe ao poder público criar formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino”, art. 5º (BRASIL, 1996), que “a educação básica pode ser organizada de diferentes formas sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”, art. 23, e que “o sistema de ensino deverá assegurar meios, recursos, técnicas educativas e organização para atender alunos com necessidades educacionais especiais”, art. 59.

Assim sendo, educandos com necessidades educacionais especiais e/ou em condições desfavoráveis ao processo de escolarização deverão receber atenção especial por parte do poder público. Em condições especiais de saúde, crianças, jovens e adultos, no âmbito da Educação Básica, que se encontram impedidos de frequentar a escola têm direito a receber, gratuitamente, atendimento educacional tanto no hospital quanto em seu domicílio.

De forma específica, o referido atendimento é contemplado pela Portaria n. 69/1986 (BRASIL, 1986), porém, sem menção ao apoio pedagógico. A classe hospitalar, como política pública de atendimento à demanda de alunos afastados da escola por motivo de tratamento de saúde, só foi lançada em 2002, pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da então Secretaria de Educação Especial, em atendimento à Resolução CNE/CEB n. 2/2001 (BRASIL, 2001), com o documento denominado “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações” (BRASIL, 2002). O propósito do documento, dentre outros, foi subsidiar e estruturar ações políticas de organização dos sistemas educacionais nos municípios e estados brasileiros.

No Estado de Goiás, a atenção especial a crianças, jovens e adultos da rede pública de ensino da Educação Básica, hospitalizados ou em atendimento domiciliar, iniciou em 1999, por meio do projeto de atendimento educacional hospitalar denominado “Projeto HOJE”, da então Superintendência de Ensino Especial (SEEE/GO), órgão da Secretaria de Estado da Educação,

Cultura e Esporte de Goiás (SEDUCE). Essa ação se deu em função da então política nacional de educação inclusiva, intitulada “Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência”, instituída pelo Decreto n. 3.298/1999, (BRASIL, 1999).

Em consonância com a política nacional do MEC, a proposta das classes hospitalares em Goiás, teve como base legal, no plano estadual, a Resolução n. 161/2001 (GOIÁS, 2001) do Conselho Estadual de Educação de Goiás, que valida o Projeto Hoje, executado pela equipe de profissionais ligados ao Hospital de Combate ao Câncer e à SEDUCE, por meio da SEEE/GO.

Atualmente, com as mudanças implantadas na esfera administrativa estadual, o atendimento educacional hospitalar e domiciliar no Estado de Goiás, tradicionalmente conhecido como Projeto Hoje, é ofertado pelo Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – NAEH, sob a Gerência de Ensino Especial da SEDUCE.

De acordo com os documentos oficiais da Gerência (GOIÁS, 2013; 2014), o atendimento hospitalar é realizado em hospitais públicos de Goiânia, sendo eles: o Hospital de combate ao câncer HAJ, Hospital de Doenças Tropicais *Anuar Auad* (HDT), Hospital Alberto Rassi (HGG), Hospital das Clínicas (HC), Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, Hospital de Urgência de Goiânia (HUGO), Hospital Materno Infantil, Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (CRER), Hospital de Dermatologia Sanitária (HDS) e Hospital de Urgência Governador Otávio Lage (HUGOL).

Estrutura física e pedagógica

A classe hospitalar visa realizar atendimentos pedagógicos a educandos hospitalizados ou em domicílio por motivo de saúde ou convalescência, possibilitando a continuidade dos estudos mesmo em condições especiais de saúde. De acordo com políticas vigentes, quanto ao aspecto de aprendizagem do educando, a classe hospitalar deve contribuir para o seu retorno e reintegração ao ambiente educacional na escola de origem sem prejuízos de conteúdos (BRASIL, 2002; GOIÁS, 2014).

O atendimento educacional hospitalar, como dito, ocorre em Goiás por meio do NAEH, em parceria com hospitais públicos em Goiânia, e visa atender a crianças, jovens e adultos matriculados na rede pública de educação básica. Embora o MEC só tenha formalizado as classes hospitalares em 2002, em Goiás, tal política foi instituída desde 1999, sendo o HAJ o primeiro a ofertar tal serviço (NETO, 2010).

Fundado em 1956 pela fundação da Associação de Combate ao Câncer em Goiás, o Hospital Araújo Jorge (nome dado em 1977), comportou a primeira classe hospitalar, sendo a instituição escolhida para a implantação do piloto do Projeto Hoje. Atualmente, as aulas no hospital são ministradas por duas professoras do quadro de docentes da SEDUCE e ocorrem no quarto andar, em dois ambientes distintos da ala da pediatria: na quimioterapia (nas salas de tratamento, onde as aulas ocorrem de forma individual) e na sala de aula, espaço específico para o atendimento educacional (onde ocorrem as aulas coletivas).

A sala de aula do HAJ tem dimensões de 7m x 4m, totalizando 28m², e dispõe de um quadro branco, 17 carteiras adultas e 10 infantis, um aparelho com DVD e caixas de som, quatro mesas, sendo duas infantis e duas adultas. A sala conta ainda com um aparelho de ar condicionado, uma pia e um bebedouro com água filtrada. A sala apresenta um ambiente bem colorido e alegre e tem uma casinha na sala de espera, local este reservado às brincadeiras das crianças. No corredor são guardados os livros literários em móvel em formato de trenzinho que atrai a atenção das crianças, um modo utilizado para incentivá-las à leitura. A sala de aula conta com um variado acervo literário como gibis, revistas, livros, além de jogos e brinquedos, muitos deles resultado de doações.

Na avaliação da professora Daniele, pouquíssimos são os hospitais a oferecer uma sala de aula de uso exclusivo às crianças e adolescentes com a saúde fragilizada. Essa sala, na opinião da professora, tem a estrutura necessária para que as aulas ocorram de forma efetiva. Afirma que, pelo interesse e envolvimento com as atividades propostas, muitas vezes os educandos esquecem que estão no hospital, em processo de tratamento, o que, além de proporcionar momentos de alegria e descontração, os conduz à aprendizagem.

O setor de quimioterapia é um espaço restrito a pacientes em tratamento, equipe de saúde e às professoras. Esse setor dispõe de dois ambientes onde ocorrem o acompanhamento pedagógico dos alunos em tratamento, dos quais um é destinado aos pacientes que necessitam de determinados medicamentos injetáveis e o outro exclusivamente ao tratamento quimioterápico, com demanda de maior período de tratamento. O primeiro ambiente possui nove semileitos com cadeiras inclináveis, dispõe de duas mesas infantis com cinco cadeiras, onde, sempre que possível, são ministradas as aulas. O segundo, conta com seis leitos adultos e dois infantis, onde ocorrem as aulas. Em ambos os ambientes, há cadeiras para os acompanhantes, dois aparelhos de ar condicionado e quatro televisores, além de um bebedouro, uma pia de tamanho adulto e infantil.

Para além dos recursos apresentados, o hospital disponibiliza às professoras e educandos dois computadores de mesa conectados à internet e, no setor de quimioterapia, um pequeno acervo de livros literários para uso dos alunos e professores.

É importante ressaltar que ambientação para o ensino é importante, pois, como expõe Monteiro (2007), o ambiente hospitalar em si, além dos desconfortos produzidos pela própria doença, causa traumas na criança, devido ao afastamento do seu ciclo de vivência, à mudança de ambiente e ao isolamento do processo de tratamento. Tais condições associadas, segundo a autora, acarretam, dentre outros problemas, distúrbios emocionais, insegurança, depressão. A presença da “escola” no ambiente hospitalar pode desvincular a ideia de hospital como espaço de isolamento, contribuindo com uma visão mais humanizadora do espaço de tratamento, reduzindo o estresse e sofrimento de pacientes e familiares, melhorando as relações entre paciente e equipe de saúde, como preconizado pelas políticas do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2009; BRANCO, 2008).

No que diz respeito aos aspectos de segurança no trabalho, as professoras atuantes no HAJ devem cumprir os mesmos cuidados de biossegurança exigidos dos demais profissionais da saúde. Questões como cabelo preso, brincos pequenos, unhas curtas, maquiagem leve, sapatos fechados, uniformes limpos e esterilizados devem fazer parte do cuidado rotineiro do professor no ambiente hospitalar. Diferentemente dos profissionais da área da Saúde, que utilizam jalecos brancos, as professoras de classe hospitalar utilizam jaleco cor-de-rosa.

Branco (2008) chama a atenção sobre a problemática da formação inicial dos educadores pela ausência de aprofundamentos mínimos sobre saúde pública e coletiva. Para Barros (2007, p. 264), “a formação profissional para professores e pedagogos de classes hospitalares requer o reconhecimento e a afirmação de um campo do saber essencialmente multiepistêmico”. Na perspectiva de Pelicioni, Pelicioni e Toledo (2008), os conhecimentos necessários devem culminar em ações e serviços de saúde orientados e centrados no caráter interdisciplinar de todo o processo, a partir da orientação de atos de escuta.

Branco (2008) expõe que, na confluência das áreas de educação e saúde, a falta de conhecimentos básicos e formação adequada sobre ambientação hospitalar, biossegurança, saúde do trabalhador, dentre outros, os professores ficam expostos a riscos diversos, dentre os quais se destaca o *burnout*. **Caracteriza-se como** um distúrbio psíquico refletido pelo esgotamento profissional, muito recorrente em profissionais da saúde que lidam com situações de estresse constantes como dor, sofrimento e morte dos pacientes.

Aspectos didático-pedagógicos

As professoras que atuam no HAJ trabalham em turnos distintos. Daniele no matutino (das 7h às 11h), e a Rafaela no turno vespertino (das 13h30 às 17h30).

Especializada em educação inclusiva e em Atendimento Educacional Especializado – AEE, a professora Daniele atua na educação há trinta anos e encontra-se há seis meses na classe hospitalar. O público a que atende no hospital são alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, na faixa etária de 4 a 18 anos.

Também formada em pedagogia, porém, sem curso de especialização, a professora Rafaela atua na educação há cinco anos, sendo três anos e meio dedicados às classes hospitalares, dos quais oito meses no HAJ.

As professoras relatam que o atendimento acontece, preferencialmente, na sala reservada às aulas, porque o rendimento dos alunos é mais satisfatório, uma vez que, além de um ambiente diferenciado e com recursos materiais diversos que os possibilitam ficarem mais dispostos a aprender, a relação com outros colegas promove a socialização, trocas e desenvolvimento de trabalhos coletivos.

Antes do início das aulas, as professoras percorrem todos os leitos do hospital convidando os alunos para a sala de aula. Ressaltam que o atendimento só se dá no leito quando o aluno não se encontra em condições de participar das atividades coletivas.

O planejamento das aulas, de acordo com orientações do NAEH (GOIÁS, 2014), em função da especificidade da classe hospitalar, é feito diariamente e os conteúdos trabalhados nas aulas são orientados pelo Currículo Referência da rede estadual ou municipal de educação, conforme origem do aluno, preferencialmente trabalhados de forma interdisciplinar (GOIÁS, 2013; 2014). De acordo com Daniele e Rafaela, o planejamento é feito de forma a contemplar as necessidades individuais e coletivas dos educandos. Para elas, devido às condições e particularidades do ambiente e do aluno, o planejamento de uma aula jamais pode ser replicado a outro aluno ou turma.

As professoras dizem trabalhar os conteúdos, sempre que possível, em conformidade com orientações do NAEH, de forma interdisciplinar, dando ênfase a temas que abrangem variadas disciplinas/matérias de acordo com a série/ciclo de cada educando.

Na sala de aula, por se tratar de uma classe multisseriada (sala de aula com presença de alunos de variadas idades e níveis escolares), as atividades são diferenciadas para cada ano escolar, mas, como orientação do NAEH, a partir de uma temática comum.

A lida com desafios como fragilidade física e psíquica do educando, classe multisseriada, além de outros, exige do professor competência no planejamento. A esse respeito, a estrutura física e de materiais disponibilizados pelo hospital é essencial, pois, como afirmam Zombini e outros (2012, p. 79), além de um espaço físico adequado, o uso de “recursos audiovisuais, livros e filmes, como material didático de apoio ao desenvolvimento das atividades no hospital, permitem que os assuntos discutidos emergjam e facilitam a elaboração dos sentimentos vivenciados pela criança”.

Os recursos pedagógicos disponíveis no hospital ou como parte dos recursos das professoras são explorados durante as aulas, como suporte ao processo ensino-aprendizagem, e também quando o aluno não tem condições de fazer os registros das atividades, seja pela debilidade física, psicológica ou por indicações médicas. De qualquer modo, tais recursos são avaliados pelas professoras como essenciais para o despertar dos alunos para o brincar e/ou jogar, elementos que trazem prazer e aguçam a mente.

Os alunos hospitalizados, em linhas gerais, estudam os conteúdos iniciados na escola de origem. No entanto, pelo seu estado de fragilidade, pela quantidade reduzida de aulas em relação à escola regular, em geral, não conseguem acompanhar o mesmo ritmo de seus pares na escola. A este respeito, segundo Rafaela, os alunos e familiares devem estar cientes desse fato. O esforço para o avanço é essencial para que possam, no retorno à escola regular, acompanhar o ritmo da turma sem maiores prejuízos para a aprendizagem.

Barros (2007, p. 264) orienta que

O planejamento e a coordenação das atividades dos professores lotados nas classes hospitalares sejam, porventura, supervisionados pelas respectivas secretarias de ensino, nem sempre se alcança a regularidade e a sistematicidade requeridas para o acompanhamento contínuo dos professores já em atividade nos hospitais.

A autora apresenta uma realidade do acompanhamento escolar dentro do hospital, mostrando que o planejamento nem sempre será cumprido de acordo com o que se determina nas condições regulares de ensino, devido, principalmente, ao estado delicado em que se encontra o aluno que é paciente da instituição hospitalar.

Sobre isso, as professoras entrevistadas afirmam que, não havendo possibilidade de ter atendimento educacional, devido às condições do aluno, a aula é ministrada no leito e os conteúdos são trabalhados a partir de uma abordagem interdisciplinar, por meio de diálogos, muitas vezes informais.

Ao final das aulas, as professoras fazem o registro das aulas, em formato de relatório, que, semanalmente, são encaminhados ao NAEH. Nos registros são descritos todos os procedimentos utilizados na mediação da aprendizagem, a avaliação do processo, além de informações individualizadas dos educandos. Esse documento, denominado de Relatório Semanal, é utilizado pelas professoras como parâmetro para o planejamento dos próximos encontros com os alunos e, pelo NAEH, como instrumento de gestão – organização de materiais, disponibilização de recursos, aproximações com familiares e outros.

Em geral, a avaliação dos alunos, de acordo com as professoras e orientação do NAEH (GOIÁS, 2013; 2014), são feitas de forma individual, quase inexistindo a figura da prova formal.

A avaliação dos alunos não acontece em momentos específicos, como na escola tradicional, mas de forma processual e contínua, levando em consideração as atividades desenvolvidas, a participação e envolvimento dos alunos, o crescimento individual e coletivo, dentre outros. Cada progresso é considerado pelas professoras na avaliação do resultado final. Ao término de cada bimestre letivo, as professoras encaminham ao NAEH um relatório de avaliação, contendo registros do campo pedagógico, conteúdos abordados e o desenvolvimento de cada aluno, que é encaminhado à escola de origem de cada aluno, isto é, na qual ele é matriculado.

Relato de experiência pedagógica no hospital AJ

Optou-se, no âmbito da pesquisa, por não acompanhar a rotina das aulas no hospital, devido, principalmente, às dificuldades de acesso a ambientes restritos. Como registro de vivências pedagógicas nas classes hospitalares, solicitamos que as professoras, de forma oral, pudessem nos apresentar alguns relatos que julgassem ser marcantes. Optou-se por apresentar, neste artigo, um relato narrado durante o encontro.

Antes de iniciar a sua narrativa, a professora Rafaela abaixou a cabeça, respirou profundamente e, em tom baixo e voz trêmula, iniciou a história que, como afirma, marcou não só sua carreira de docente, mas sua vida pessoal. Ela nos contou uma experiência pedagógica vivenciada com o pequeno Pedro, de sete anos de idade.

Pedro, segundo narra, era um menino meigo e atencioso, se mostrava sempre feliz mesmo durante o invasivo e complicado tratamento contra o câncer. Durante às aulas, ficava admirada pelo envolvimento de Pedro nas atividades propostas e por sua capacidade de esquecer toda dor e sofrimento que a doença trazia. O seu esforço e vontade insaciável para aprender fazia com que Rafaela se envolvesse com o educando.

Toda vez que Rafaela chegava para a aula, Pedro se colocava para auxiliá-la com os materiais, sentava-se ereto na carteira e se punha atento e participativo durante toda aula. Conta que Pedro sempre almejava coisas novas e momentos prazerosos. Isso para ele era a oportunidade que Pedro encontrava para aproveitar cada momento, sem deixar sobressair sua doença, pois a vida para ele era mais importante.

Rafaela afirma que o vínculo estabelecido entre professor e aluno é essencial para o desenvolvimento da autoestima do educando.

Todos os dias, próximo ao meio dia, ele perguntava à sua tia, que o acompanhava no hospital, quanto tempo faltava para professora chegar e esperava sempre ansioso pela aula. A vontade de estudar e aprender estava além da doença. Na maioria das vezes, Pedro esperava o chamado da professora na recepção e quando a professora chegava, ele, com alegria, corria para abraçá-la. Rafaela, como mesmo diz, se entregou ao encanto de um menino tão carinhoso, disposto e alegre.

Apesar das fortes reações aos medicamentos, ele encontrava formas de se colocar sorridente, demonstrando seu afeto, carinho e vontade de viver. Pedro só faltava à aula quando seu estado de saúde o impedia.

Houve um dia em que ele estava muito fragilizado e necessitou tomar muitos remédios. A professora apresentou esse fato por meio do seguinte diálogo:

- Rafaela: Boa tarde, Pedro, tudo bem?
- Pedro: Oi, esses remédios estão me fazendo passar muito mal.
- Rafaela: Logo vai passar, não se preocupe. Devido você estar tomando os remédios e não ter condições de ir para sala, pode ficar descansando. Aí, quando você melhorar, vamos para a sala. Tudo bem?
- Pedro: Não, eu quero participar da sua aula, não gosto de ficar aqui.
- Rafaela: Mas você não tem condições de ir, ok? Se recupere e logo estaremos juntos nas aulas.

Em sua narrativa, diz que Pedro a olhou de forma triste e acenou a cabeça como se tivesse compreendido o motivo de não poder participar da aula. Mesmo assim, 30 minutos depois, ele estava no fundo da sala observando a aula em grupo, e a professora dirigiu-se a ele

dizendo: “ – Rafaela: Pedro você precisa descansar, não pode ficar aqui desse jeito. – Pedro: Vou ficar aqui quietinho, professora, quero apenas ficar aqui.”

Assim, contrariando as recomendações médicas, a professora consentiu a presença de Pedro na aula, ficando atenta a qualquer sinal de emergência.

Quando havia recesso escolar, Pedro se mostrava bastante triste. As aulas, segundo ele mesmo narrava à professora, o fazia esquecer da dor das injeções e do mal-estar que o tratamento causava.

Certo dia, durante as férias, seu estado de saúde agravou-se de tal maneira, que acharam por bem chamar a professora para vê-lo, pois ela tinha o carinho de toda a família de Pedro. Rafaela foi visitá-lo no leito, e, ao perceber seu estado de saúde, demonstrou-se preocupada. Apesar disso, a professora manteve-se firme e deu apoio a ele no período em que permaneceu enfraquecido. Pedro superou essa fase e se recuperou.

Terminado o recesso escolar, a professora voltou a ministrar aulas, encontrando Pedro um pouco melhor, porém, o seu estado de saúde já não era tão estável e favorável.

Mesmo debilitado, Pedro não se recolhia ao leito para descanso, preferia assistir às aulas. A professora se sentia bastante comovida com aquela situação e não sabia que atitude deveria tomar, mas vendo que ele se sentia melhor no ambiente escolar, a educadora o deixava permanecer observando as aulas.

Suas recaídas eram cada vez mais frequentes e a professora percebia que o estado de saúde do Pedro agravava-se, mas isso não diminuía a vontade dele de estudar, de aproveitar ao máximo o seu tempo de vida. Pedro pedia sempre mais e mais atividades à professora. Ele se dizia triste sempre que a aula acabava. Pedro, ao final das aulas, permanecia na sala e ficava resistente quando era convidado a retornar ao seu leito.

Vítima de câncer no estômago, Pedro foi acompanhado integralmente por sua tia. Com a separação dos pais, Pedro passou a morar com a família de seu pai e dizia ser a tia sua verdadeira mãe. À noite, após um dia de trabalho no HAJ, a tia de Pedro ligou para Rafaela dando-lhe a notícia do falecimento de Pedro, após sete meses do diagnóstico de câncer. A notícia deixou a professora muito abalada pessoal e profissionalmente. Era uma sensação pela qual, até então, ela não havia passado. Segundo diz, havia se formado para lidar com questões de ordem educacional e não com o sofrimento e morte de seus educandos.

As marcas dessa experiência foram tão profundas que, muitos anos após a morte de Pedro, o fato foi narrado sob soluços e lágrimas, atestando o seu profundo sofrimento, pois que o luto fora passado, mas que a dor não fora curada.

Considerações finais

Não se pode negar a importância do trabalho pedagógico e, por conseguinte, humanizador desenvolvido na classe hospitalar. De um lado as atividades educativas no ambiente hospitalar com práticas pedagógicas interdisciplinares, fazendo uso de diferentes meios e recursos se mostram uma experiência rica e desafiadora no campo pedagógico, exigindo do profissional que lá atua, uma formação mais humana e consciente do papel social que exerce. De outro, um ambiente recheado de armadilhas, visto que se trata, em essência, de uma relação conflituosa entre educação e saúde, cuja especificidade não é contemplada na formação dos professores.

Para além das questões de bioética, o ambiente hospitalar pode trazer prejuízos aos docentes, como adoecimento pela transferência de sentimentos de dor, sofrimento e morte, categorias inerentes ao ambiente hospitalar.

Conhecendo os desafios enfrentados, em nosso caso, pelas professoras entrevistadas, é que se tem a ideia de quão árida e árdua é a tarefa que elas realizam nos hospitais; todavia, é um trabalho nobre e necessário devido a sua significância na manutenção desses alunos nos processos educacionais e importância na relação entre saúde e humanização.

A esse respeito, podemos refletir, com Mattos e Mugiatti (2014, p. 24), que

O educador, como participe da equipe de saúde, tem, portanto, a incumbência de retomar esse papel na sociedade, como agente de mudanças, mediante ações pedagógicas integradas, em contextos de educação informal, com vistas à formação de consciência crítica de todos os envolvidos, numa atuação incisiva, na reestruturação dos sistemas vigentes para uma nova ordem superior.

Durante as entrevistas, as educadoras relataram que se encontram nessa área, mesmo consciente dos desafios, por saberem que contribuem de alguma forma na vida desses educandos, fazendo-os se sentirem menos entristecidos e acreditando que em breve poderão voltar ao convívio social, mesmo que isso, às vezes, não ocorra.

Enfim, gostaríamos de registrar que, ao solicitar que as professoras pudessem nos contar uma história marcante, o que nos ficou é que toda experiência vivenciada no hospital se

caracteriza como uma história marcante e, portanto, especial. Esses alunos/pacientes, seja por sua vontade de aprender, seja por sua vontade de viver, marcam a vida dessas educadoras.

Referências

BARROS, A. S. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **CEDES** (Impresso), v. 27, p. 257-278, 2007.

BRANCO, R. F. G. R. **Capacitação de professores de Classe Hospitalar em relação professor-aluno/paciente na perspectiva balintiana**. 2008. 180 f. [Tese]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BRASIL. Centro Nacional de Educação Especial/Ministério da Educação e Cultura. **Portaria nº 69, de 28 de agosto de 1986**. Documento. n. 310, outubro 1986.

BRASIL. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações** (BR). Brasília (DF): MEC; SEESP, 2002.

FALTA BRASIL 1998

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35. Brasília; 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BR)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília (DF), 23 de dez. 1996. Seção 1; 1996.

BRASIL. **Decreto n. 3.298 de 20 de dezembro de 1999**. Dispõe sobre a política nacional de integração da pessoa portadora de deficiência. Presidência da República. Casa Civil. Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Executiva. **Política Nacional de humanização e atenção e gestão do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. c. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001(BR)**. Estabelece as Diretrizes Nacional de Educação Especial. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília (DF); 2001.

BUCHABQUI, J.A.; CAPP, E. **Convivendo com agentes de transformação**: a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem em saúde. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 32-38, jan./abr., 2006.

GOIÁS. Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar – HOJE (GO). **Gerência de Ensino Especial**. Secretaria de Estado da Educação de Goiás; 2014.

GOIÁS. Núcleo de Atendimento Educacional Hospitalar. **HOJE: o que é e como funciona (GO)**. Gerência de Ensino Especial. Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 2013.

GOIÁS. Resolução n. 161/2001 – GAB/SEE (GO). **Aprova o projeto Hoje destinado ao atendimento educacional hospitalar por meio da Superintendência de Ensino Especial**. Secretaria de Estado da Educação de Goiás, 2001.

MATTOS, E. L. M.; MUGIATTI, MMTF. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 2 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

MONTEIRO, M. C. L. R. Humanização nos hospitais: gente cuidando de gente. In: AROSA, A. C.; SCHILKE, A. L. (Org.). **A escola no hospital. Campinas (SP):** Inter- texto; 2007. p. 15-21.

NETO Z. R. A pedagogia Hospitalar em Goiás. In: **Caderno de inclusão em comemoração aos 10 anos programação Programa Educacional numa Perspectiva Inclusiva-PEEDI (GO)**. Goiânia (GO), 2010.

PELICIONI, M. C. F.; PELICIONI, A. F.; TOLEDO, R. F. A educação e a comunicação para a promoção da saúde. In: ROCHA, Aristides. A. (Org.). **Saúde pública**. São Paulo: Atheneu, 2008. p. 165-177.

ZOMBINI, E. V. **Classe hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 10 n. 1, p. 71-86, mar./jun.2012.

Recebido em 15 setembro 2016
Aceito em 9 de novembro 2016